

# Gênero e TICs

## Expondo a Intimidade das Relações de Poder na Agricultura Familiar\*

*Gender and Information and Communication Technologies  
Exposing the Intimacy of the Relationships in Family Farming*

**Ada Cristina Machado Silveira**

Universidade Federal de Santa Maria  
adac.machadosilveira@gmail.com

**Clarissa Schwartz**

Universidade Federal de Santa Maria  
clarissaschwartz@yahoo.com.br

**Claudia Buzzati Souto**

Universidade Federal de Santa Maria  
claudiabsouto@hotmail.com

### Resumo

O artigo analisa a importância que as tecnologias de informação e comunicação (TICs) possuem na vida das mulheres rurais. A análise detém-se nos dados de uma oficina de comunicação que contou com a participação de mulheres, realizada durante a sétima edição da Feira de Economia Solidária do Mercosul realizada em julho de 2011 em Santa Maria-RS. Na caracterização feita durante a oficina, observou-se que, entre a mulher rural do passado e a mulher rural de hoje, existe um cuidado maior com a aparência, com a própria autoestima e uma preocupação em conquistar novos espaços, além da casa e da propriedade rural, que possibilitem conhecer outras realidades, trocar experiências e também adquirir mais autonomia. Sobre as TICs, enquanto a mulher rural de ontem usava apenas rádio a pilhas e televisão preto e branco, a segunda já aparece com o telefone celular, notebook, televisão a cores, antena parabólica e máquina fotográfica digital. O acesso à informação e a participação em movimentos sociais aparecem como os principais fatores que contribuíram para as mudanças na vida das mulheres rurais. Já os problemas como a falta de infraestrutura e as incertezas quanto ao futuro da agricultura familiar aparecem como os principais desafios.

Palavras – Chave: gênero; inclusão digital; desenvolvimento rural.

### Abstract

This paper analyzes the importance of information and communication technologies (ICTs) in the lives of rural women. The analysis holds on to data from a communication workshop that had the participation of women, held during the seventh edition of the Mercosur Solidarity Economy, held in July 2011 in the city of Santa Maria, RS, Brazil. In the research performed during the workshop, it was observed that differently from the rural women from the past, the ones from today have a greater concern with their appearance, with their self-esteem and a disposition to conquer new spaces, beyond those of the house and rural property, which enable the knowledge of other realities, the exchange of experiences and give them more autonomy. With regard to ICTs, while the rural women of yesterday used only battery radios and black-and-white televisions, the contemporary ones have cell phones, notebooks, color televisions, satellite dishes and digital cameras. Access to information and participation in social movements appear as the main factors that contributed to these changes in the rural women's lives. On the other hand, problems such as the lack of infrastructure and uncertainties about the future of family farming are quoted as their main challenges.

Keywords: Gender; Digital inclusion; Rural development.

## **Introdução**

O artigo relata aspectos de um projeto maior que aborda as relações de gênero em sua interseccionalidade com a temática da agricultura familiar em área prioritária de políticas públicas - território da cidadania de Santa Maria-RS. Ele tem por objetivo identificar os valores associados à atuação das mulheres frente às relações de gênero da agricultura familiar, tomadas como mediadoras das relações afetivo-produtivas através do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Inicialmente nos detemos em aspectos dos estudos de gênero e suas implicações para o estudo das articulações entre apropriações de TICs e relações de gênero no meio rural do sul do Brasil. Posteriormente, abordamos aspectos sobre o empoderamento das mulheres para depois relatar e interpretar observações oriundas de uma atividade realizada durante a sétima edição da Feira de Economia Solidária do MERCOSUL realizada em julho de 2011 em Santa Maria-RS, a qual contou com a participação de delegações oriundas de uma vintena de países.

Consideramos a reflexão de Ellen Wortmann (2010) quando aponta que os estudos de gênero ganharam maior visibilidade no Brasil a partir da década de 80, com pesquisas no universo urbano sobre os papéis exercidos pelas mulheres em instituições masculinas como exército e polícia, bem como na família e nos movimentos sociais. A autora salienta que o financiamento de pesquisas pelo PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, foi um estímulo importante para investigar as diferentes atribuições das mulheres na reprodução social e econômica. Temática que ainda foi impulsionada em 1995 pela criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher que, em 2005, ganhou status de Ministério com a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

Várias são as abordagens sobre gênero ao considerarem-se as complexidades das relações sociais e busca superar os estudos sobre a mulher e explicações biológicas para as relações entre os sexos. Silva e Schneider (2010) consideram que essa análise questiona justamente o que é dado como natural e demonstra que o papel da mulher ao ser alterado poderá trazer benefícios para todos:

(...) sem desprezar as diferenças biológicas entre os tipos médios femininos e masculinos, a perspectiva de gênero parece ultrapassar os limites biológicos ao conceber homens e mulheres a partir de papéis sociais

historicamente construídos, destacando que os papéis sociais também podem moldar os tipos biológicos. Dessa forma, as relações de gênero passam a ser aquelas estabelecidas entre os papéis sociais de homens e mulheres (SILVA e SCHNEIDER, 2010, p. 193).

Joan Scott (1995) lembra que a informação a respeito das mulheres é também informação sobre os homens. Esse uso rejeita a utilidade interpretativa da ideia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres de forma isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Diante disso, o gênero designa as relações sociais entre os sexos e é um modo primeiro de significar as relações de poder.

Gênero também pode ser a forma como a sociedade lida com as diferenças entre os sexos e onde a “identidade de gênero é definida pelas categorias de masculino e feminino e refere-se às relações entre essas categorias; é uma elaboração cultural entre os sexos” (SANTOS apud SILVA e SCHNEIDER, 2010, p. 187). Já registrava Eleieth Safiotti que gênero ainda pode ser compreendido “como um conjunto de normas que modelam homens e mulheres, fazendo parte do mecanismo da ordem social, que cada mulher interpretará de forma singular” (SAFIOTTI apud SCOTT; RODRIGUES; SARAIVA, 2010, p. 73). Já Joan Scott (1995) considera o gênero como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos.

É importante salientar que o termo gênero não pressupõe que a desigualdade e a hierarquia são inerentes entre homens e mulheres até mesmo porque existe diversidade de relações, identidades e contextos (SCOTT; RODRIGUES; SARAIVA, 2010). No entanto, o que se verifica em geral, é que as diferenças entre os dois sexos são resultados da cultura dominante sobre os comportamentos de homens e mulheres (SANTOS apud SILVA e SCHNEIDER, 2010). Stadtler e Silva consideram que a partir das análises de gênero é possível, até mesmo, compreender o simbolismo sexual presente nas estruturas de poder:

Os sistemas políticos de diferentes sociedades legitimam e concentram na figura masculina os espaços de liderança e comando das nações. É a forma principal de representação de poder na maioria das sociedades ocidentais e, portanto, tem um forte teor simbólico (STADLER e SILVA, 2010, p. 451).

## Gênero e TICS

### Expondo a Intimidade das Relações de Poder na Agricultura Familiar

No meio rural, foram os estudos de Chayanov que embasaram a maior parte das pesquisas das décadas de 60 e 70. Por essa perspectiva, os camponeses eram analisados como família e grupo onde o homem era o responsável pela produção e a mulher era limitada à esfera doméstica (WORTMANN, 2010). De acordo com Woortmann e Woortmann (apud SILVA e MENEZES, 2010, p. 290), “se o homem é o controlador dos espaços produtivos externos a casa [o roçado], cabe à mulher o governo da mesma (da casa)”.

Scott e Cordeiro (2010) relatam que os estudos tradicionais sobre grupos de agricultores não consideravam as relações de gênero e geração, tanto que todos pareciam presos a um grupo onde a solidariedade interna estava acima dessas diferenças entre seus componentes. Os autores destacam que a vivência do mundo rural é “extraordinariamente plural” e que “essa pluralidade resulta do encontro de diferenças que se manifestam internamente ao grupo doméstico, com estruturas de poder mais amplas” (SCOTT e CORDEIRO, 2010, p. 17).

Torres e Rodrigues (2010) consideram que, ao longo da história, a divisão social das tarefas foi a categoria explicativa dos papéis de gênero. Papéis sexuais que são construídos socialmente e são ressignificados de acordo com o *ethos* de cada sociedade. Uma divisão do trabalho que persiste até hoje em muitas propriedades. A mulher rural é vista e se vê como uma ajudante, uma auxiliar, coadjuvante, que realiza um trabalho menor, sem remuneração e quase invisível, apesar de exaustivo e com muitas cobranças:

(...) ainda é comum a ideia de separar a esfera pública e privada, na qual a participação do homem é claramente definida como o principal provedor e responsável pelo sustento familiar, enquanto que a participação da mulher é basicamente na esfera doméstica (espaço privado). Este aspecto é identificado como algo naturalizado, percebido assim pela própria mulher e reafirmado pela família. Inclusive, muitas vezes as múltiplas tarefas, que se traduzem em uma sobrecarga de trabalho, chegam a ser subestimadas pelas próprias mulheres (HERNÁNDEZ, 2010, p. 106).

A apropriação das TICS encontra na abordagem de Pierre Bourdieu (2010) um apoio para as dificuldades que se avizinham. Quando ele afirma que a posição da mulher na sociedade está relacionada com a dominação masculina, a qual é resultante da violência simbólica,

ou seja, “uma violência exercida através de vias simbólicas, como a comunicação e o conhecimento e que por isso não é percebida sequer pelas suas vítimas” (BORDIEU apud SILVA e SCHNEIDER, 2010, p. 188), o âmbito comunicacional resulta enfatizado, para o qual concorre a reflexão de Penna:

O trabalho da mulher rural não tem correspondência com o reconhecimento de sua condição feminina ou de sua resistência física. A técnica e a experiência são capazes de superar a força muscular. O problema da divisão sexual do trabalho encontra-se nas regras masculinas que prevalecem na sociedade, discriminando a mulher (PENNA apud FISCHER 2010, p. 197).

Em estudo sobre as mulheres no sindicalismo rural no Estado de Pernambuco, Lima (2010) descobriu que muitas vezes nem a mulher sabia ao certo qual o seu papel na construção do patrimônio familiar. “Nos censos, geralmente ela se declarava como dona-de-casa e não como trabalhadora rural, o que a privava, inclusive, do direito à aposentadoria, conquistado em 1988” (LIMA, 2010, p. 103). A autora lembra que, até o início dos anos 80, participar de movimentos sociais era considerado um risco moral para as mulheres já que o entendimento era que sua responsabilidade era com a casa e os filhos. “Para os sindicatos, parecia natural que elas fossem colocadas como dependentes dos maridos, sua ausência não era sentida nem questionada no momento” (LIMA, 2010, p. 111).

Neste sentido, Silva e Portella (2010, p. 127) completam: “As mulheres não são invisíveis, elas são invisibilizadas pelos outros, ou seja, não são reconhecidas como sujeitos ativos dos processos produtivos”. Ao analisar a divisão sexual do trabalho no nordeste, as autoras realizaram oficinas com trabalhadoras rurais que elaboraram um conceito sobre a agricultura familiar onde o que mais chama a atenção é o apontamento de um ciclo contínuo de trabalho:

A agricultura familiar é aquela cultivada em uma pequena extensão de terra, através da utilização da mão de obra da família. Ela representa uma grande diversidade de cultivos, cuja produção é direcionada para a alimentação da própria família. É encontrada em todo o Nordeste e apresenta-se como um ciclo contínuo entre a produção e a reprodução, tanto no que se refere às atividades agrícolas quanto no que se refere à utilização e organização dos espaços e do tempo (SILVA e PORTELLA, 2010, p. 130).

## Gênero e TICS

### Expondo a Intimidade das Relações de Poder na Agricultura Familiar

As autoras ainda acreditam que a divisão do trabalho não existe para as mulheres:

(...) há uma jornada justaposta para as mulheres; elas rodam sem parar, e uma jornada única para os homens. A divisão sexual do trabalho existe apenas em relação aos homens, que concentram suas atividades no trabalho agrícola, e não às mulheres (SILVA, 1998, p. 82-83 apud SILVA e MENEZES, 2010, p. 291).

Scott, Rodrigues e Saraiva (2010, p. 72) afirmam que o trabalho das mulheres rurais ultrapassa uma segunda jornada: “Ele ocorre numa jornada contínua que vai do amanhecer ao anoitecer, resultando na confusão entre as atividades domésticas e produtivas”. Scott (2010) explica que essa compreensão do trabalho feminino como ‘ajuda’ é mais comum na agricultura familiar e que essa interpretação deve ser ampliada para percorrermos um caminho de ressignificação de gênero em contextos rurais “como relações de poder em constante negociação entre mulheres e homens em domínios de poder diversos” (SCOTT, 2010, p. 26). O autor completa que ao questionarmos essa noção de ajuda também contribuimos para a luta, para igualdade das “contribuições femininas às práticas econômicas e sociais cotidianas das famílias rurais” (SCOTT, 2010, p. 25). No entanto, justamente pelo menosprezo ao próprio trabalho essa tarefa não é fácil uma vez que “a noção de ajuda é um plasma cristalizado no imaginário dessas mulheres” conforme constataram Torres e Rodrigues (2010, p. 239) em pesquisa com moradoras da região amazônica.

Maria Ignez Paulilo (apud HERNANDEZ, 2010) reflete sobre a condição do trabalho no campo em seus aspectos de relações de gênero. Ela enfatiza que, em diversas áreas do Brasil, o trabalho da mulher é considerado leve e as atividades dos homens são consideradas pesadas, o que indica que o valor do trabalho se dá de acordo com a hierarquia predominante na família. Especificamente sobre essa questão, em pesquisa realizada em comunidades rurais de Santa Catarina sobre gênero e geração Aguiar e Stropasolas (2010) identificariam que as qualificações de ‘pesado’, ‘sofrido’ e ‘sujo’ ao trabalho agrícola são mais ressaltadas nas referências principalmente por jovens mulheres rurais que, mesmo participando da esfera produtiva, consideram o trabalho agrícola mais masculino, sem relação com a natureza delicada das mulheres e, por isso, rejeitam o trabalho na roça que é um espaço onde os recursos são controlados, gerenciados e centralizados pelos homens. No entanto, os autores constataram que, embora as jovens não

gostem de trabalhar na roça, elas gostam de viver no meio rural, o que leva à interpretação já registrada por Anita Brumer de que “a rejeição à atividade agrícola não significa necessariamente rejeição à vida no meio rural” (BRUMER apud AGUIAR e STROPASOLAS, 2010, p. 168).

De acordo com Brumer (2004) é na esfera doméstica que as mulheres se sentem autônomas e exercitam o poder com decisões sobre os alimentos, os cuidados com a casa e a educação dos filhos e filhas, ou seja, a casa é o espaço privado de atividade feminina e controlado pela mulher, conforme Torres e Rodrigues (2010) já haviam confirmado a partir das considerações de Bourdieu.

### Mulheres, jovens e empoderamento

Em estudo sobre empoderamento e mudança das relações de gênero realizado com integrantes do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco, Cordeiro (2010, p. 155) constatou que as mudanças relatadas pelas mulheres incluem a “autoestima, a liberdade de ir e vir, os vínculos interpessoais, além da nova compreensão sobre a própria vida e o mundo em sua volta”. Ao todo, Cordeiro (2010, p. 156) elenca seis aspectos relacionados aos processos de empoderamento: “ter confiança, respeito e estima; ter voz, ou seja, capacidade para expressar as próprias ideias; ter liberdade de ir e vir além da casa e dos sítios; a ação coletiva e o fazer político; lutar por direitos e o acesso a programas e recursos”. No entanto, a autora ressalta que os processos de empoderamento não rebatem ao mesmo tempo nos espaços privados e públicos e conclui afirmando que “a família e a comunidade parecem resistir ao empoderamento das mulheres na área rural” (CORDEIRO, 2010, p. 168).

A autora recorda a posição de Kate Young quando considera que, para as feministas, empoderamento consiste na “alteración radical de los procesos y estructuras que reproducen la posición subordinada de las mujeres como género” (YOUNG apud CORDEIRO, 2010, p. 151). Cordeiro considera que as estratégias de empoderamento não podem ser separadas da ação coletiva e dos contextos históricos. Conforme ela frisaria, Young lista a construção de uma autoimagem e autoconfiança positivas, o desenvolvimento da habilidade do pensamento crítico, a construção da coesão de um grupo e a promoção da tomada de decisão e da ação como os parâmetros do empoderamento.

Segundo Cordeiro (2010), o uso do termo empoderamento ganhou visibilidade a partir da década de noventa e que existem duas correntes sobre o seu



## Gênero e TICs

### Expondo a Intimidade das Relações de Poder na Agricultura Familiar

conceito: uma diz que o termo está ligado ao movimento feminista e a outra às lutas contra o fim da discriminação racial nos Estados Unidos nos anos de 1960. Segundo a autora, empoderamento foi um termo bastante usado pelas feministas que discutiam a associação entre mulher e desenvolvimento, principalmente em conferências da Organização das Nações Unidas. “No campo das discussões sobre desenvolvimento, o empoderamento é visto por algumas ONGs como a principal estratégia de combate à pobreza e de mudança nas relações de poder” (CORDEIRO, 2010, p. 150). A autora salienta que existem duras críticas às abordagens de empoderamento como técnica que se aprende em cursos e que outros setores entendem o empoderamento como um dos elementos do desenvolvimento baseado em direitos.

As feministas, quando tratam de empoderamento, destacam como fundamentais as discussões sobre o poder. Partem do entendimento de que as relações de gênero são relações de poder e que o empoderamento das mulheres é condição para a equidade de gênero (CORDEIRO, 2010).

Nesse sentido, Cordeiro (2010) situa a empoderamento no campo dos processos sociopolíticos, das relações sociais mais democráticas e também do poder compartilhado em vários espaços como família, comunidade e nas várias dimensões do cotidiano como trabalho, renda, acesso a bens e serviços, etc. A autora, ressalta ainda, que a noção de empoderamento não corresponde a um processo linear e que ela precisa ser compreendida à luz dos contextos históricos e tramas locais.

### A abordagem metodológica

A Feira de Economia Solidária é um evento promovido pelo Projeto Esperança Coesperança e ocorre anualmente no mês de julho em Santa Maria-RS. Promovido pela Diocese da Igreja Católica de Santa Maria, a Universidade Federal de Santa Maria e a Emater Regional.

Muitos eventos ocorrem paralelamente às atividades da feira. Convidadas pela organização, nosso grupo de estudos propôs-se a debater as questões de gênero e geração frente às TICs. A oficina ocorreu no dia 10 de julho das 9 horas e 30 minutos às 11 horas e 30 minutos em uma sala da Escola Estadual Irmão José Otão, localizada ao lado dos pavilhões da Feira de Economia Solidária. A oficina, que tinha como público-alvo as mulheres rurais, foi divulgada na programação do evento e também através de panfletos durante a feira e contou com treze participantes, sendo duas da cidade de Santa Maria, quatro do estado do

Espírito Santo, duas de Minas Gerais e cinco argentinas das cidades de Bahia Blanca e General Roca. Das treze participantes, duas eram agricultoras, duas trabalhadoras de agroindústrias, três mulheres ligadas a atividades artesanais, uma advogada, uma professora, uma servidora pública, duas assistentes sociais e uma extensionista rural.

Após cada participante apresentar-se ao grupo, iniciou-se a primeira parte da dinâmica da oficina: a caracterização da mulher rural de ontem e hoje. Para isso, elas receberam duas malas com roupas, sapatos e acessórios variados. Duas participantes foram voluntárias para serem as modelos da dinâmica. Concluída a etapa de caracterização, as participantes receberam um envelope com cartões onde estavam impressos os nomes e figuras de vinte e uma tecnologias de informação e comunicação analógicas e digitais. O envelope continha desde tecnologias mais tradicionais como rádio a pilhas, televisão em preto e branco, telefone de discar, câmera fotográfica de filme, antena interna para televisão, televisão de tubo, antena parabólica, toca discos e toca fitas até TICs consideradas mais modernas como telefone celular com e sem acesso à Internet, aparelho de GPS, câmera fotográfica digital, telefone de digitar, rádio relógio digital, aparelho de mp3, som portátil, televisão de LCD, antena de televisão por assinatura, notebook e computador de mesa. A partir dessas tecnologias, a atividade consistiu na proposta de relacionar quais TICs eram usadas pelas mulheres rurais no passado e na atualizada, ademais de classificá-las em ordem de importância para cada uma das mulheres presentes.

### Análise e discussão

Para as participantes, a mulher rural do passado participava ativamente das tarefas da propriedade rural e também mantinha a casa e cuidava dos filhos. Uma mulher com dupla jornada que existia e ainda existe segundo as participantes:

*Por ser uma trabalhadora rural também era uma dona de casa muito ativa, cuidava dos filhos, dava conta de tudo, né? (Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos)*

Scott, Rodrigues e Saraiva (2010, p. 72) afirmam que o trabalho das mulheres rurais ultrapassa uma segunda jornada: “Ele ocorre numa jornada contínua que vai do amanhecer ao anoitecer, resultando na confusão entre as atividades domésticas e produtivas”.

A mulher rural do passado foi caracterizada com calças compridas, botas de borracha, avental e chapéu

## Gênero e TICS

### Expondo a Intimidade das Relações de Poder na Agricultura Familiar

de palha. As agricultoras se identificaram com a caracterização porque, segundo elas, são itens indispensáveis de proteção durante o trabalho:

*Porque eu trabalho de bota, eu vou na estufa, vou tirar leite. Que nem essas bota de couro (aponta a bota de uma participante), tu vai lá por fora, quando tem orvalho não adianta, que nem essas aí (as botas de borracha), tá sempre enxutinha. (Agricultora de Santa Maria, 53 anos).*

*Eu acho que o chapéu é pro sol não queimar muito o rosto da gente, proteger do sol. E a bota é pra não molhar os pés. Pra andar no molhado, na lavoura, no molhado e a bota de borracha é o que mais a gente se protege no molhado. (Agricultora de Santa Maria, 52 anos).*

*Eu acho que, principalmente, ela tá toda caracterizada para o trabalho. Eu acho que essa é principal referência da mulher rural de um tempo mais atrás. É uma mulher só a parte do trabalho e um trabalho necessariamente não reconhecido, tanto fora como dentro de casa. Na lavoura e dentro de casa também. É principalmente a característica do trabalho. (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

Já a mulher rural de hoje também foi caracterizada com chapéu de palha demonstrando que as mulheres que ainda vivem no campo possuem com um laço muito forte com o trabalho nas propriedades:

*O chapéu também representa né, mesmo sendo a modernidade hoje, mas se a gente tiver que voltar antigamente a gente volta, que a gente não esquece as origens, né. Sempre tem aquilo no sangue (risos). (Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos).*

*O chapéu na verdade também é pra representar o trabalho, que o trabalho continua. (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

A mulher rural atual ainda foi caracterizada com saia e usou acessórios como manta, pulseira, colar e bolsa, demonstrando um cuidado maior com a aparência e com a autoestima. Uma mulher que também busca conquistar novos espaços e viver de

forma mais independente, principalmente do marido. Conclusão semelhante, foi feita por Touraine (2007) que, ao entrevistar sessenta mulheres na França, percebeu que as mulheres são um novo ator coletivo, que tem como objetivo a construção de si mesmas:

*Eu vejo assim que já é uma mulher mais avançada. Pode ser uma dona de casa, mas com objetivos voltados também pro trabalho fora, né? Conquistando coisas, não só dentro do lar, não só no trabalho dentro do lar, mas fora também, em geral. Teve várias conquistas. Então já é uma mulher mais avançada, uma era mais a frente né, não voltada só pra casa, pra dentro de casa. (Artesã do Espírito Santo, 41 anos).*

*Eu acho que é importante aqui de diferencial é que a mulher atual trabalha, trabalha também muito, também cuida das coisas em casa, só que agora tem um pouco mais, vamos dizer assim, alguns acessos, uma visão, cuida, se cuida um pouco mais, que era uma coisa mais, que não era tão visível antes, de se cuidar mesmo, cuidar da aparência, cuidar da saúde, esses cuidados eu acho que tão mais presentes na mulher atual. Por isso que ela tá um pouco mais enfeitadinha ali. Não é só aquela mulher que vivia só pro trabalho, só pra família. Ela se cuida, e cuidar também participando de formação, não é só um cuidado estético não, estudo que aumentou. (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

Questionadas sobre o que teria contribuído para essas mudanças entre a mulher rural de ontem e de hoje, o acesso à informação e a participação em movimentos sociais aparecem como os principais fatores:

*Comunicação e informação. (Artesã do Espírito Santo, 41 anos).*

*Tem a organização né, movimentos, mistos, movimentos só de mulheres. (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

*A busca pela igualdade e pelos direitos. (Assistente social de Minas Gerais, 30 anos)*

*Antigamente os homens não deixavam muito a mulher sair, participar de reuniões, essas*

## Gênero e TICS

### Expondo a Intimidade das Relações de Poder na Agricultura Familiar

*coisas, hoje em dia já tá mais avançado, já vê isso com outros olhos. (Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos).*

*Buscamos mais informação e já não dependemos tanto do homem. Querer ser um pouco mais independente pra ter suas próprias coisas pelo seu esforço, não depender do homem para poder ter um celular ou um computador. A mulher se interessa por informar-se e ter informação. (Empreendedora de tecidos argentina, 47 anos).*

*A mim me parece que uma razão pode ser que antes a mulher, sua ocupação e seu espaço, eram a casa, a chácara, a granja, e agora está tomando outras atividades como sair ou para trabalhar fora ou organizar-se ou relacionar-se com os outros como na feira. (Extensionista rural argentina, 31 anos).*

*Eu acho assim que uma diferença interessante é a busca pela autonomia das mulheres. Principalmente na área rural, a gente percebe bastante isso. Porque mesmo que participe sempre do trabalho, a autonomia de decidir, até uma autonomia financeira, isso não era muito, não era nada comum. Até com a capacitação, com agroindústrias, com toda essa mudança um pouco aí do trabalho, então as mulheres acabam conquistando um pouco de autonomia, muitas vezes até, acabam tendo, a renda daquela família acaba sendo bem significativa a parcela né, o que é produzido por essas mulheres. (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

Depoimentos que demonstram a busca pelo empoderamento que tem como parâmetros a “construção de uma autoimagem e autoconfiança positivas, o desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente, a construção da coesão de um grupo e a promoção da tomada de decisão e da ação” (CORDEIRO, 2010, p. 151). Questionadas sobre como a mulher rural de hoje concilia trabalho dentro e fora de casa, as mulheres consideram que houve avanços, mas ainda é necessário haver maior divisão de tarefas domésticas. Sorj (2009) lembra que o ambiente doméstico é um dos mais resistentes para a igualdade doméstica e associa isso ao valor cultural de que o principal compromisso das mulheres é a família e

ainda, o fato de que os homens não têm interesse em mudar sua posição na esfera doméstica uma vez que isso não lhes traga nenhuma vantagem:

*Agora em relação ao trabalho, eu acho que não diminuiu né, porque na área urbana a gente ainda até que percebe essa vinda da mulher do mercado de trabalho fora de casa e um pouco também os homens assumindo as tarefas dentro de casa. Na área rural isso ainda não é uma realidade ainda espalhada não. Não é verdadeiro que os homens na área rural assumam o uso das tarefas domésticas. Isso significa, para as mulheres rurais, ainda muito trabalho, porque sai, participa de uma agroindústria, participa de um espaço de comercialização aqui na feira, faz outras coisas, mas tem que dar conta de tudo ainda dentro de casa. Isso ainda não tá, essas tarefas não tão bem divididas ainda, né? (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

*Sobra muita coisa pra mulher ainda. Bastante ainda. Mas eu acho que tem que trabalhar junto, né? Não separados. Trabalhar marido e mulher junto, pra poder, não sobrar muito pra mulher, né? (Agricultora de Santa Maria, 52 anos).*

*Mas sempre sobra mais um pouquinho (risos). Lá em casa nós trabalhamos junto mas sempre sobra mais um pouquinho pra mim porque eu que gosto de tá na estufa. Quando sobra um tempinho eu tô lá, né? (Agricultora de Santa Maria, 53 anos).*

*Mas o marido da senhora ajuda? (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

*Ajuda. Ah, mais faz tudo porque eu trabalho direto na padaria aí não tem como não fazer, né? De primeiro eles não gostavam muito, quando nós começamos essa padaria, eles não gostavam muito, mas daí ficavam sem comer. A gente deixava lá a carne, oh, tá descongelando, amanhã tu faz assim e assim se ele não fizesse, ficavam sem comer. Daí se obrigavam a fazer. Agora já pegou prática, lava louça, limpa a casa né, mas tem que acostumar, né? (Agricultora de Santa Maria, 53 anos).*

## Gênero e TICS

### Expondo a Intimidade das Relações de Poder na Agricultura Familiar

O relato da agricultora de Santa Maria demonstra que, muitas vezes, a iniciativa de dividir as tarefas precisa partir das próprias mulheres. No entanto, mesmo as mulheres urbanas, reconhecem que isso não é simples:

*As vezes a gente quer ser muito polivalente, a gente não dá oportunidade, né? Não dá aquela abertura, o espaço. Fala: ah, não, tem que fazer, vamos fazer direito, vou lá e vou fazer logo. Então a gente acaba fechando o círculo, quer ser polivalente. Nós mulheres, de forma geral, queremos abraçar o mundo e às vezes não damos oportunidade pro homem. Quem nem o caso que ela falou, que eu achei interessante, se tu não vai fazer, tu não vai comer, então se vira, então é interessante. (Assistente social de Minas Gerais, 25 anos).*

*Já faz parte eu acho da mulher. Ela consegue fazer muitas coisas e o homem não. Até, por exemplo hoje, nós estávamos comentando no nosso grupo, lá em Minas foi feito uma pesquisa, na nossa cidade, com um grupo de homens e um grupo de mulheres, o que eles fazem a partir do momento em que acordam até a hora de deitar. As mulheres fazem até cinquenta coisas no mesmo dia e o homem seis, sete coisas, o dia todo. Então, assim, isso faz parte da gente, né? Da nossa, já vem lá de trás, do ser mulher. E às vezes a resposta é como ela falou, da gente tentar mudar, modificar isso. Mas partindo da gente também. (Assistente social de Minas Gerais, 30 anos).*

Durante a oficina, também foi discutido o conflito gerado a partir do momento em que a mulher conquista mais autonomia:

*Alguns não aceitam ficar por baixo e a mulher um pouco mais acima, ser independente, intelectual, às vezes o homem não sabe a mulher sabe mais, na mesma hora se tu tem uma informática, o marido não tem, aí ele não que tá toda hora pedindo ajuda da gente. (Beneficiadora de bananas, 34 anos, Espírito Santo).*

Uma professora argentina que trabalha com empreendimentos solidários relata que os homens veem com desconfiança as atividades alternativas:

*A maioria são empreendedoras de empreendimentos solidários e sociais e o homem não crê tanto nisso. Ele não gosta de estar sem trabalho na empresa grande, na multinacional. Creem que trabalho sério é este, na fábrica, na empresa, em grande escala, quando vê que a mulher faz algo parece que é um passatempo. (Professora argentina, 49 anos)*

O fato de o Brasil ter eleito em 2010 a primeira presidente mulher do país foi destacado com um acontecimento que demonstra que novas portas ainda podem ser abertas pelas mulheres:

*Creio sim que a mulher, dado os movimentos, tudo ela tá conquistando, a atual, voltando já pra um lado mais politiquieiro, a Dilma Rousseff ter assumido um posto como foi assumido ela pode né, ter algo muito importante a ver com isso, focando na comunicação, mas ela pode trazer algo de bom nessa inserção da mulher dentro do mercado de trabalho e tipo chegar um homem mais pra lá um tiquinho. Vamos, dá licença? Então eu creio que ela pode ter contribuído mais ainda pra essa conquista e os movimentos lógico, né? (Assistente social de Minas Gerais, 25 anos).*

A relação com os filhos também foi abordada. Um das principais preocupações é que os jovens, mais as mulheres, não querem ficar no meio rural, principalmente em função da falta de oportunidades e também da falta de estrutura básica que ainda existe nas áreas rurais. Hernández (2010) lembra que as mulheres jovens rurais migram para as cidades principalmente em busca de trabalho e de formação educacional. Essa migração ocorre antes do matrimônio já que hoje ele não representa a única perspectiva para as mulheres rurais (SILVA e SCHNEIDER, 2010). Scott, Rodrigues e Saraiva (2010, p. 87) afirmam que ver as mulheres em papéis diferentes de apenas esposa traz novas luzes para essa problematização das relações “entre mulheres e homens de idades diferentes, com mobilidades, acessos a recursos e articulações diferentes com os mundos de produção, de educação e de residência”:

*Eu comento às vezes quando elas (filhas) vêm, ah, venham morar aqui, mas ah mãe nós pra morar nunca pensamos. (Agricultora de Santa Maria, 53 anos).*



## Gênero e TICS

### Expondo a Intimidade das Relações de Poder na Agricultura Familiar

*No meu caso eu tenho três filhos, os três estudaram, tão trabalhando e a gente comprou uma chácara muito boa lá, é perto de Santa Maria, só que a gente tá pensando, a gente tá ficando velho né, amanhã depois quem é que vai ficar com a chácara? Quem é que vai trabalhar lá e ficar tudo organizadinho? Aí, ninguém. Que nós vamos fazer, né? (Agricultora de Santa Maria, 52 anos).*

*Devido às dificuldades também no meio rural né, sair do meio rural, procurar estudo, procurar o trabalho fora, porque às vezes no meio rural não tem. Então saem pra isso pra procurar um trabalho, procurar estudo, lá ficam, já moram e aí vão se afastando. (Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos).*

*O meio rural é muito difícil a produção, temperatura, eu acho que tem que pesar tudo isso né? Aí, por exemplo, os meus três filhos fizeram a faculdade, tão formado, tão trabalhando, não querem voltar pra lá pra passar trabalho. Aí, não sei o que nós vamos fazer. (Agricultora de Santa Maria, 52 anos).*

*No município onde nós vivemos os pequenos produtores de hortigranjeiros desapareceram devido ao custo, porque não tinham pra sobreviver. Isso na periferia e os grandes produtores têm outro problema, os filhos não querem ficar no meio rural. (Professora argentina, 49 anos)*

*Os filhos se vão nas grandes cidades estudar e não voltam nunca mais ao campo. Só pra uma visita. (Advogada argentina, 26 anos).*

*Tá tão enraizado um problema que tem na área rural a questão do trabalho, algumas falaram que não tem trabalho na área rural, trabalho tem muito, não tem pra estes jovens é a remuneração. Isso é uma das coisas que realmente afastam os jovens, principalmente as mulheres, do trabalho rural. É o não reconhecimento. (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

*Eu moro na área rural só que eu trabalho de empregada. E não por falta de trabalhar,*

*mas por falta de terra pra trabalhar, porque o meu pai, a propriedade dele é pequena não tem como tirar o sustento é eu, meu irmão, minha mãe e meu pai, não tem como tirar a sustento nosso ali então o único meio que eu achei foi com o beneficiamento de banana. (Beneficiadora de bananas, 25 anos, Espírito Santo).*

*As áreas rurais foram esquecidas sobre essa parte aí. A estrutura de estradas né, temos muitas dificuldades de escoar o produto da área rural pro comércio, a gente tem muita dificuldade. É muito esquecido lá. Tem que tá as associações brigando junto, para eles darem uma atenção, então os jovens desanimam. Tem pessoas que tem terra, tem como trabalhar, mas o produto não é valorizado. (Beneficiadora de bananas, 34 anos, Espírito Santo).*

Outro problema que dificultaria o retorno dos jovens ao campo seria a estrutura familiar muito rígida que ainda predominaria no campo. Castro (apud AGUIAR e STROPASOLAS, 2010), considera que o jovem rural carrega o peso de uma posição de submissão na propriedade rural e que a mulher jovem rural enfrenta uma situação de ainda mais inferioridade na hierarquia social. Butto e Hora (2010) afirmam que a inserção das mulheres na agricultura familiar é desfavorável, já que elas têm pouca autonomia econômica na gestão, no acesso aos recursos produtivos, levam desvantagem na herança da terra e também devido à falta de políticas públicas direcionadas para elas. Diante disso, o retorno ao campo poderia atrasar ainda mais a conquista da independência financeira do jovem que fica subordinado, muitas vezes, aos pais. Jhon Durston (apud PAULO, 2010, p. 346) afirma que a juventude rural começa com a puberdade e termina quando são assumidas completamente as responsabilidades e autoridades de adulto, que correspondem aos chefes masculinos e femininos de uma unidade familiar que é economicamente independente:

*A gente tá falando das mudanças das mulheres, mas ainda a decisão sobre a renda familiar ainda é bem organizada, ainda tá bem na mão de poucos aí, principalmente dos maridos e dos pais. Então essa saída do jovem é principalmente por conta disso. Aí tem o problema da não remuneração e do não reconhecimento junto da família e os atrativos urbanos da*

## Gênero e TICs

### Expondo a Intimidade das Relações de Poder na Agricultura Familiar

*escola que tá lá né, a saúde que tá lá, as atividades de lazer que tá lá. Hoje em dia é bem mais fácil chegar na sede do município do que era antigamente, então essa aproximação é muito maior né. Eu desejo mais aquelas outras coisas. (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

*Sobre os filhos que vão à cidade e sobre a decisão de voltar ou não ao campo, está também relacionada que voltar ao campo é voltar a trabalhar com as ordens e decisões dos pais porque tem que compartilhar a mesma terra, a mesma atividade econômica e consta que o jovem por mais acesso que tenha à comunicação e informação tente mobilizar os pais para mudar a forma de trabalhar. (Extensionista rural argentina, 31 anos)*

Sobre as tecnologias de informação e comunicação, o telefone celular foi considerado a tecnologia mais utilizada, atualmente, pelas mulheres rurais. O equipamento preencheu uma lacuna nunca preenchida pela telefonia fixa:

*Nós escolhemos primeiro o telefone celular que ele é o meio de comunicação mais usado, né? (Artesã do Espírito Santo, 41 anos).*

*Na área rural onde a gente mora, o mais usado é o celular porque não tem Internet em alguns lugares. (Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos).*

*Não chegou o telefone fixo, mas o celular chegou. (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos)*

*As tecnologias de comunicação, me parece, não chegam de igual maneira a cidade e ao campo. Internet é ainda muito difícil encontrar no campo, é muito difícil. Creio que o celular agora sim, está cobrindo mais e é mais homogêneo tanto na cidade como no campo como o rádio e a televisão. Mas as mais modernas todavia não estão. (Extensionista rural argentina, 31 anos)*

Apesar de ainda ser um equipamento não muito comum no campo, a segunda tecnologia considerada mais importante para as mulheres foi o notebook pela importância que o computador tem atualmente:

*Principalmente, mais ainda, para as mulheres urbanas, mas também tem já na área rural e é um aparelho que tá se tornando bastante comum né. É mais acessível do que o computador também, o computador mais tradicional. (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

Já a televisão em cores ficou na terceira posição, de acordo com a classificação das participantes, que escolheram um equipamento em LCD que hoje é o mais comum nas lojas. Em quarto lugar, foi escolhida a antena parabólica e por último a câmera fotográfica digital:

*A parabólica porque na área rural a nossa televisão só funciona com a parabólica. Então essa é a importância. (Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos)*

Na classificação das TICs usadas pela mulher do passado, as participantes escolheram o rádio a pilhas, a televisão em preto e branco, a máquina fotográfica com filme e o telefone de discar:

*A gente acabou tendo um peso assim sempre pra mulher rural, mas de vez em quando a gente lembrava da mulher urbana também. Mas aí, dos que tinham aqui disponível, que a gente achou mais característico da mulher de antigamente, era o rádio a pilha na área rural, num período em que muitos lugares não tinha a energia elétrica e o rádio sempre foi um meio de comunicação, né? Ainda é importantíssimo, mas antigamente era o principal que tinha, né? Daí um pouquinho mais adiante, vem a televisão preto e branco, até muito pouco tempo era televisão que tinha, né? A câmera fotográfica com filme aqui como símbolo ainda tanto pra rural como pra urbana, não era tão acessível na área rural, mas pelo menos alguns lugares tinha. E o telefone de discar aqui que esse sim é mais pra representar a mulher urbana porque na área rural esse telefone aqui particularmente não chegou não. Muito poucos lugares que esse telefone chegou, mas que representa a mulher dessa época. (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

## Gênero e TICs

### Expondo a Intimidade das Relações de Poder na Agricultura Familiar

As mulheres também discutiram sobre o que seria o lado bom e o lado ruim da comunicação na visão delas. Um dos principais problemas apontados pelo grupo é o consumismo que é incentivado pelos meios de comunicação:

*Com essa expansão aí da comunicação, então a informação chegando de mais longe e, muito mais informações, não são aquelas do local, isso faz com que as mulheres vão se identificando umas com as outras, vão identificando os seus problemas com os problemas das outras né, isso fortalece os movimentos, permite maior troca, permite que mais mulheres possam estar lutando pelas mudanças, né, eu acho que isso é o lado bom da comunicação. O que é ruim na comunicação, mais atualmente principalmente, a comunicação é o principal meio de comércio pra vender, então isso também traz, tira, desconstrói a cultura local pra trazer uma outra, uma cultura maior, costumes e outras coisas maiores, que é da novela, então isso é o ponto mais negativo aí, então favorece por um e desfavorece por outro as mulheres. Mas as mulheres rurais se espelham numa mulher da novela que trabalha fora, que dá conta de muitas coisas, consegue estudar, isso tem seu lado positivo. Mas hoje pelo menos se fala, se coloca bastante a questão da violência contra as mulheres, pra que isso seja discutido, também se permite fazer isso. Tem sempre seus prós e contras. Com certeza, no frígir dos ovos, é extremamente importante, os meios de comunicação foram extremamente importantes para essa liberdade das mulheres. (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

*Tem um monte de coisas boas da comunicação como as que assinalaram, mas o inconveniente é que os meios de comunicação e tecnologias geram necessidades que não são básicas que antes não existiam. É um começo de ter coisas que não necessitamos que são somente consumo, estamos na era do consumo com a comunicação e globalização, isso eu alerta, é um montão de boas coisas e outras que geram necessidades que são básicas com outras que não são. (Advogada argentina, 26 anos).*

*Nós trabalhamos com empreendedores urbanos, nossa associação não tem agora empreendimentos agrícolas, rurais. Oferecemos um trabalho para as mulheres pergunta para elas pela história da economia e da família. E todas tinham em seus avós, seus pais, seu bisavós, todas tinham uma raiz rural, um forte contato com a terra. Que se cortou, se rompeu, porque as famílias se mudaram para a cidade e mudaram seu estilo de vida. Assimilaram o ritmo do capitalismo, do consumismo. Então sua imagem também mudou por isso, por querer consumir a roupa de marca, os sapatos que estão na moda e um montão de coisas que a mãe, a avó não tinham nenhuma necessidade de ter. (Professora argentina, 49 anos).*

Diante do contexto apresentado pelas participantes, o questionamento final foi sobre qual o futuro da agricultura familiar na opinião delas. A associação aparece como a chance de fortalecimento da agricultura familiar:

*Na Argentina, a família rural é o peão rural e que trabalha para o ganho do campo que, muitas vezes, é explorado também de quem tem muito campo. Tem muita diferença ainda entre uma coisa e outra e não há por enquanto trabalho de promoção, existem programas de governo nacional para incentivar a agricultura, mas na base não existem movimentos, não surgem a demanda e o espaço para discutir e para que se dê outra atenção para o problema. Isso é a realidade de um município especial Baía Blanca com características próprias. Não acontece o mesmo, por exemplo, nas zonas mais ricas da província de Santa Fé. (Professora argentina, 49 anos).*

*Eu acho que aqui tem umas três realidades diferentes. A gente por ser mineira, então lá, são grandes propriedades né, enormes, como na Argentina, então às vezes o pequeno produtor da agricultura familiar, ela tá um pouco esquecida no nosso município que é Uberlândia. Hoje o nosso auge lá é economia orgânica. Em termos da comunicação a gente vê a fragilidade do pequeno produtor lá na nossa região, porque ele não é visto porque tem muitos soja, milho, milho doce que fala, pra*

## Gênero e TICs

### Expondo a Intimidade das Relações de Poder na Agricultura Familiar

*conserva, então tem inúmeras fazendas enormes, então o produtor pequenininho fica esquecido tadinho lá, ele vai pra essa área do orgânico se virando da maneira que pode, então fica complicado. (Assistente social de Minas Gerais, 25 anos).*

*Eu creio que os movimentos, as associações, cooperativas e assim por diante podem ter grande utilidade nisso. Que ela tem a força, juntando os pequeninhos então faz algo maior. Lá pra gente eu creio que a solução será as associações e cooperativas. (Assistente social de Minas Gerais, 25 anos).*

*Eu queria voltar só um pouquinho atrás sobre o que ela falou: que vocês não tem acesso na prefeitura para vender ou o meio de transporte é muito ruim? Porque no começo nos era assim mas nós oh, nós ia em sete, se reunia e ia lá, vou pedir isso aí pro prefeito, porque dizem que com sete mulher ninguém pode (risos). Nós ia à luta! (Agricultora de Santa Maria, 53 anos).*

*O poder público de lá, a secretaria de agricultura juntamente com a prefeitura ainda deixam a desejar, poderiam fazer mais. (Beneficiadora de bananas, 34 anos, Espírito Santo).*

*À noite tomando um vinho argentino conversamos que estamos muito preocupados em vender o produto e que precisamos começar a pensar que a solidariedade é de ida e volta. Então precisamos divulgar outros produtos além dos nossos, de outros estados, e com isso todos vão valorizar. Com relação ao tema da comunicação me parece que é importantíssimo que falemos sobre os valores desses produtos, porque são bons, infiltrar-se nos meios de comunicação como a televisão, internet, e mostrar o produto para que outras feiras também peçam esse produto. (Professora argentina, 49 anos).*

*Eu fiz uma pesquisa no meu município sobre a sucessão rural, quem é que vai suceder nas propriedades de agricultura familiar né? Então começa por muitos aspectos, começa pelos pais mesmo que*

*acabam por tá sempre dizendo pros filhos estuda pra ter outra vida porque isso aqui não é vida né, então sempre essa ideia de que a agricultura familiar é algo menor, inferior, ruim. Claro que tem muitos problemas mas também é fruto de todo um discurso que é sempre feito pra manter os produtores como coitadinhos né, mantendo uma condição também ruim de se sentir inferiorizado. Mas o que eu achei interessante, só para finalizar, é que tem uns valores desenvolvidos nas famílias rurais que tá tão forte nesses jovens, que o desejo da saída é pelo trabalho, gostariam de sair às vezes pra trabalhar, mas voltar pra casa pra essa convivência familiar aí, pra aquela convivência que tem na comunidade. Então reconhece também algumas coisas muito importantes que tem nessa convivência rural e que gostaria também que a oportunidade de trabalho remunerado estivesse aqui pra permanecer aqui na área rural. Então apesar de todos os problemas eu acho que tem uma mudança boa acontecendo na área rural e, se essas novas atividades, elas crescerem, né, as agroindústrias que é onde normalmente estão as mulheres e os jovens, o artesanato, isso é muito importante pra ser ter uma outra visão da área rural, pras mulheres e pros jovens. (Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos).*

## Considerações Finais

Uma das principais conclusões desta oficina é que foram reconhecidos avanços na vida da mulher rural. Apesar da heterogeneidade do grupo, as conclusões foram muito semelhantes: isso porque os anseios das mulheres rurais se assemelham aos objetivos das mulheres urbanas. As duas já não se contentam em cuidar da casa, dos filhos e ter um papel secundário no trabalho. Como afirma Touraine (2007) as mulheres são um novo ator coletivo, que tem como objetivo a construção de si mesmas. Elas buscam novos papéis e como disse uma das participantes da oficina: e vão à luta.

O processo nem sempre é fácil, às vezes gera conflitos, até mesmo dentro da família, mas o fato é que as mulheres rurais sentem agora outras necessidades. Elas não conseguem mais viver isoladas, sozinhas. Precisam se comunicar, conversar, trocar experiências. E por isso, provavelmente, o telefone celular foi elencado como a tecnologia de



## Gênero e TICS Expondo a Intimidade das Relações de Poder na Agricultura Familiar

comunicação e informação mais importante para as mulheres rurais atuais. Uma tecnologia barata e que realmente chegou até a maior parte das localidades rurais, diferente da telefonia fixa.

Já o computador portátil, apesar de ainda não muito comum no meio rural, foi considerado a segunda tecnologia mais importante. Isso porque o computador e a Internet representam uma janela ainda maior parte o mundo, uma fonte de informação sem limites e com extrema importância principalmente para o desenvolvimento das gerações mais jovens.

Como desafios para o futuro da agricultura familiar, as participantes elencaram a organização e até um uso mais intenso dos meios de comunicação para divulgar os produtos feitos através da agricultura familiar. Um marketing rural que auxilie na manutenção da atividade.

---

\* Projeto financiado pelo CNPq

## Referências

- ABREU E LIMA, Maria do Socorro. As mulheres no sindicalismo rural. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide. (Orgs). **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas**. Recife: Editora Universitária, Recife, 2010, p. 101-123.
- STROPASOLAS, Valmir Luiz; AGUIAR, Vilênia Venâncio Porto. As problemáticas de gênero e gerações nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: PARRY, Scott; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 159-183.
- BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, p. 205-227, jan/abril 2004.
- BUTTO, Andrea; HORA, Karla. Integração regional e políticas para as mulheres rurais no MERCOSUL. In: PARRY, Scott; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 123-155.
- CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; HOFFNAGEL, Judith. (Org.) **Pensando família, gênero e sexualidade**. Recife: UFPE, 2006.
- CORDEIRO, Rosineide. Empoderamento e mudança nas relações de gênero. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide. **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas**. 2. ed. Recife: UFPE, 2010, p. 1 – 331.
- FISCHER, Izaura. Relações de gênero na agricultura familiar no acampamento. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide (orgs). **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas**. Recife: Editora Universitária, 2010. p. 193-204.
- HERNÁNDEZ, Carmen Osório. Reconhecimento e autonomia: o impacto do Pronaf-Mulher para as mulheres agricultoras. In: PARRY, Scott; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 97-121.
- PAULO, Maria de Assunção Lima de. Juventude rural, sexualidade e gênero: uma perspectiva para pensar a identidade. In: PARRY, Scott; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 289 – 313.
- SCOTT, Judith. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. In: **Educação e Realidade**, p. 5 – 22, Julho a Dezembro, 1990.
- SCOTT, Parry; RODRIGUES, Ana Cláudia; SARAIVA, Jeiza das Chagas. Onde mal se ouvem os gritos de socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rural. In: PARRY, Scott; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 63-94.
- SILVA, Carmen; PORTELLA, Ana Paula. Divisão sexual do trabalho em áreas rurais do nordeste brasileiro. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide. (Orgs). **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos sociais e políticas públicas**. Recife: Editora Universitária, 2010, 2ª ed. p. 127-144.
- SILVA, Carolina Braz de Castilho; SCHNEIDER, Sérgio. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. In: PARRY, Scott; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 185-209.
- SORJ, Bila. Trabalho remunerado e não-remunerado.

**Gênero e TICS**  
**Expondo a Intimidade das Relações de Poder na**  
**Agricultura Familiar**

In: VENTURI, Gustavo. (et all, Orgs). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 107-119.

TORRES, Iraídes Caldas; RODRIGUES, Luana Mesquita. O trabalho das mulheres no sistema produtivo da várzea amazônica. In: PARRY, Scott; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 235-254.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Petrópolis: Vozes, 2007.

WORTMANN, E. Prefácio. In: PARRY, Scott; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 11-16.

Recebido em 7 de março de 2012.  
Aceito em 5 de maio de 2012.